

WAGNER UARPÊIK

PORNOFILIA

sobre a natureza moral e cultural da sexualidade ocidental

ESPREITA

"No céu, além de nuvens
Há sexo, drogas e palavrões
As coisas mudam de nome
Mas continuam sendo religiões"

[Humberto Gessinger]

APRESENTAÇÃO 9

QUANDO É PORNOGRAFIA? 15

PORNORMALIZADOS 21

**CRÍTICA DA PORNOMALIA,
E ELOGIO DA PORNOLOGIA 27**

Repressão, indústria, patriarcado, imaturidade, crise social, ou saudade da mamãe? 28

Da complexidade, invisibilidade, moralidade e culturalidade da nossa pornogamia 34

PORNÔ É POP 45

Teocentrismo e sexocentrismo 46

Tesão pelo proibidão 60

Mente “cristã”, oficina do diabo 62

PORNÔ É *TECH* 69

A revolução materialista, progressista, experimentadora e liberativa de Hedonê 70

Sexo sabor puro corpo 75

PORNÔ É TUDO 83

"Viva uma experiência real!" 84

Nudez é um estado de espírito 88

Sex machine 91

Um pornodoxo cinematográfico 94

CONCLUSÃO 99

NOTAS 103

APRESENTAÇÃO

Entre 2006 e 2007, nos últimos anos de docência no curso de graduação em ciências sociais da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, eu queria entender porque o consumo de pornografia era tão massivo. Os dados nacionais e internacionais confirmavam a suspeita: eu e meus amigos de adolescência estávamos muito longe da solidão estatística.

Inclusive por comodidade linguística, cultural e bibliográfica[1a], subtraí do "laboratório" boa parte da humanidade, e foquei o mundo ocidental. Filtro cuja maior vantagem não foi eliminar os perigos da generalização, uma vez que acessar estatísticas e estudos específicos sobre mais de 30 países [latinos, europeus, africanos...] não fazia parte de meus interesses ou condições, e comprimir sexualidades de tantas sociedades no pacotão "ocidental" implica alguma especulação e simplificação. O desejo de entender a pornofilia [termo que adotei, antes de tudo, por economia textual] ocidental foi a matéria-prima de um estudo empiricamente ancorado no exame de revistas, fotos e filmes pornôs daquela – já podemos dizer – época. Daí derivou um projeto de pesquisa ofertado em 2007

a um gentil e otimista docente da Universitat Autònoma de Barcelona (para onde, por motivos não acadêmicos, desisti de viajar antes mesmo do começo do processo seletivo).

Malgrado menos acadêmica, e bem mais fria e jovial, "Pornofilia" é a maturação tardia desse projeto de pós-graduação engavetado. Instigado por fidelidade mais memorialista que saudosa, preferi reformar, ampliar e redecorar a antiga construção, do que refundá-la com alicerces mais novos, trabalhosos, francos, meus.

Mas a preservação cabal do "recorte empírico" e de grande parte da "bibliografia" de outrora extrapola o espírito de homenagem e a intenção de contribuir para a história da pornografia da virada do século 20 para o 21: bons pensadores não sofrem da obsolência programada que persegue o neoísmo e o modismo, que preterem as boas teorias em benefício das mais cômodas [a curto prazo], populares [não por acaso], e novas [ainda que caducas]; e – de lá pra cá – do ponto de vista desta investigação, os conteúdos dos produtos pornográficos mudaram bem menos que seus formatos. A mira em filmes, revistas e fotografias concebidos na primeira década do século [mais

ou menos] foi ampliada, para abarcar também os sites, filmes e vídeos atuais: maiores – senão únicos – sobreviventes do ultrapassado trio.

Por que a longeva pornofilia ocidental se tornou, em nosso século, tão acentuada? O que o pornô diz, anuncia, sinaliza, sobre nossa sexualidade?

Há muitas maneiras de responder. E muitas hipóteses, mais ou menos satisfatórias. Quanto mais verdadeira a resposta, maior sua complexidade. Não por acreditar que as ciências sociais ou humanas podem solucionar o enigma sozinhas, mas com o intuito de honrar meu treinamento acadêmico e oferecer uma nova abordagem a um tema aparentemente mais visitado por pesquisadores da mente e do cérebro – esta pequena contribuição ao estudo da sexualidade ocidental [ou, para ressaltar as particularidades: sexualidades ocidentais] é essencialmente e ostensivamente antropológica, filosófica, histórica e sociológica.

O foco na pornografia de público predominantemente amplo, masculino e heterossexual contemplou sua grande disponibilidade, maior popularidade, e compatibilidade com a orientação sexual de quem percorreu mais ou menos 30 revis-

tas e 20 sites brasileiros, 200 fotografias e 100 vídeos nacionais e internacionais, e 50 filmes majoritariamente oriundos dos Estados Unidos da América e Europa.

Todavia, daqui sai menos um pornólogo, do que um cientista social. Ameaçada espécie que, aliás, geralmente não nasce em cursos universitários. Graduação e pós-graduação são quase sempre iniciações menores, e o fim de um curso universitário raramente coincide com o fim da iniciação maior. Ao evocar meus principais professores da graduação e meus autores à época preferidos [aqui premeditadamente louvados], "Pornofilia" consuma o rito de passagem.

Minhas pausas, ritmos, neologismos, intensidades, melodias e regras podem ser pressentidas; mas o guia publicado em meu site ajuda. O réu se declara popularmente, musicalmente, oralmente, experimentalmente e soberanamente inocente de inúmeras e deliberadas incompatibilidades – sobretudo pontuacionais – com os "gramáticos" brasileiros.

QUANDO É PORNOGRAFIA?

do caos lexical à nova pornogonia conceitual

Ao longo do vasto e persistente Ocidente, as obras eróticas têm fascinado gregos e romanos, modernos e medievais. A peça "Lisístrata" brinca com uma espirituosa greve geral de sexo; o romance "Satíricon" foi pioneiro na narrativa minuciosa de cenas de copulação e flagelação; conquistas sexuais e traições recheiam os contos de "Decameron"; desenhos de posições sexuais acompanham os insolentes sonetos de Aretino; herdamos de Marquês de Sade um vasto legado de incestos e rituais em que a dor e o prazer sexual se propagam à medida que se confundem; mas as primeiras revistas com ilustrações eróticas só surgiram no século 19.

Dos escritos sobre a vida meretrícia [batizados, pelos antigos gregos, de "*pornographos*"] até os atuais filmes pornôs, a chamada "pornografia" nunca deixou de nos atrair. Entre suas parentes semânticas, a acompanhante mais frequente talvez seja a "obscenidade": aquilo que, segundo tantas pessoas e dicionários, é chocante, vulgar, indecente, despudorado, indecoroso, e devemos – ou costumamos – esconder dos outros. O adjetivo "pornográfico" e seus afins analógicos vêm sendo falados e escritos em incontáveis circunstâncias

sociais, morais e linguísticas. Entre os vários significados evocados pela palavra "pornografia" ao longo do tempo e espaço no lado oeste do planeta, talvez só reste – como denominador comum – sexo.

Devemos continuar a conceber "pornô" como potencial sinônimo de coisas tão diversas quanto sexo, nudez, cópula, devassidão? Ele é mesmo o primo pobre (estética, intelectual e moralmente) do "erotismo artístico", "arte erótica", "nu artístico", e outros conteúdos sexuais considerados mais amenos, virtuosos, inteligentes e artísticos que ele? Enfim, o que deve ser chamado de pornografia?

A moral [ou seja: as morais] tem respostas reveladoras, mas todas fadadas a aprovar ou reprovar o pornô. A cultura [ou melhor: cada cultura] criou filtros instrutivos e diversos; mas todos particulares e mecânicos demais para poder oferecer respostas mais frias, gerais e profundas. Por transcender essas limitações da cultura e da moral, a razão pode responder melhor a pergunta. Ao pornô, ela não diz "sim", "não", ou apenas "como"; mas "por quê?".

Susan Sontag[1] ensinou que a "imaginação pornográfica" gera obras literárias de conteúdo monopolisticamente sexual. As emoções simples dos personagens orbitam ao redor de desejos e comportamentos sexuais. Há um "universo total" do sexo em que, "no plano ideal, seria possível a toda pessoa manter relação sexual com qualquer outra." Guardemos o bom mapa para localizar, no campo das expressões sexuais humanas, a pornografia: exatamente no sexocentrismo, no monopólio do sexual. Embora a norte-americana tenha identificado esse padrão em literatos modernos como Sade e Bataille, ele também é aplicável [e até mais!] não só a outros tipos de escrita, mas a outros tipos de criação.

Para ampliar e polir as fronteiras sontagianas, e também evitar os velhos e ingratos dilemas e armadilhas acerca do que é ou não é arte, popular, erotismo, e produto de consumo, prefiro considerar pornográfica toda obra, mercadoria ou serviço cujo maior ou único objetivo ou efeito é a exposição de conteúdo patentemente sexual. Abrangente definição que pode incluir criações tão diversas quanto livros, peças, esculturas, desfiles, fotos, revistas, vídeos, performances, músicas,

danças, pinturas, filmes, shows, e pelo menos boa parte dos serviços meretrícios mais performáticos, visuais, online e solitários (alimentados por um tipo de cliente distinto do da prostituição clássica – vinculada ao coito –: o espectador onanista).

Ao adotar esse critério [mais ou menos sintonizado com o que muitas pessoas chamam de "pornografia"], podemos delimitar as fronteiras do pornô sem a ajuda – e sobretudo empecilhos – de dualismos ou maniqueísmos estilo arte ou entretenimento, ginecologia ou pornografia, erotismo ou sexo, genitais ou roteiro, cultura de massa ou alta cultura, arte erótica ou pornô...

No pornô, o apelo sexual não é aperitivo, prato principal, ou sobremesa; mas o próprio banquete, mais ou menos absorvente, dominante, exclusivo. Nem satélite, nem planeta: o próprio sol do sistema. Portanto, bem pesados no sexômetro, um longa-metragem com roteiro intelectualmente sofisticado pode ser tão ou mais pornográfico, ou seja, sexocentrado, do que um "x vídeo" amador de 2 minutos – assim como certas fotos e entrevistas da "Vip" ou "Playboy", ou até mesmo uma saudação rotineira para uma "*live cam girl*", podem apresentar doses de sexo-

centrismo bem mais baixas do que certos hits ou coreografias de funk brasileiro, ou as esculturas mais atrevidas dos templos de Khajuraho.

PORNORMALIZADOS

das preliminares clandestinas à fábrica de ereções e“x”tatísticas

É provável que, entre os anos 70 e 80, cenas "picantes" e de seminudez tenham deixado de ser novidades em novelas latinas e filmes norte-americanos e europeus. No começo do século 21, nas grandes cidades, a presença de revistas e dvds pornográficos certamente já não surpreendia a maioria dos clientes de bancas de revistas.

Mas nem sempre fomos assim. Dois séculos atrás, o prazer sexual estava sobretudo – oficialmente – a serviço da geração de filhos dentro do matrimônio, e as expressões desviantes eram consideradas anormais, perversas, exóticas.

O século 19, contudo, não seguiu tão bem as regras vitorianas de pudor. Livros como os de Balzac, Zola e Rimbaud apresentaram doses de erotismo mais fortes do que o convencional. Também nesse século nasceram as primeiras revistas pornográficas – inicialmente clandestinas. O surgimento da fotografia logo garantiu seu sucesso massivo.[2]

No século 20, a evolução da fotografia e do cinema, a ascensão de publicações literárias mais eróticas, e o aparecimento da televisão, permitem que a pornografia se transforme em uma indústria – cujo poder e alcance crescem

ainda mais com a difusão da câmera filmadora e do videocassete. Nos EUA, ainda na década de 80, o rendimento da indústria pornográfica foi 4 vezes maior que o da McDonald's. Em apenas 12 anos, seu lucro aumentou mil vezes[2]. No Brasil, ao longo da década de 90, a "Playboy" vendeu pelo menos 6 milhões de exemplares[3], e bancou cachês de até 500 mil dólares[4].

Porém, nem uma inovação deixou a produção da indústria pornográfica mais acessível do que a internet e seus meios digitais de comunicação, nos anos 90. Então, a potência que, nos EUA, saiu da clandestinidade nos anos 60, e no Brasil só teve impulso comercial uma década depois[5], tornou-se tecnologicamente apta para consumar – entre o final do século 20 e o começo do nosso século – seu crescimento mais massivo e vertiginoso.

Em 1995, é lançado o primeiro sex shop virtual do mundo[6]. Em 2000, foram lançados em torno de 70 mil sites e 11 mil vídeos pornográficos, em contraste com 400 filmes hollywoodianos[6b]. Em 2003, 1 em cada 4 usuários da internet visitou um site pornográfico, e nele permaneceu, por mês, em média, 64 minutos[7]. No ano seguinte, segundo o "Correio do Brasil",